

Hoje, o professor se considera realizado no caminho que trilhou. “Consegui associar as duas coisas que eu amo, que são a juventude (e a formação dessa juventude) e a pesquisa. Consegui aliar a sala de aula com o meu espaço de trabalho e com o meu objeto de pesquisa. É isso que faz com que eu tenha uma profunda identidade com os meus alunos e com a minha prática de trabalho”, alega-se.

No mestrado, concluído em 2022, a investigação sobre o Enem continuou, agora com foco na queda drástica no número de inscrições, um fenômeno observado a partir de 2017. “Quando eu me torno professor, ali em 2009, o PAS, o Enem e o vestibular são as principais formas de acesso ao ensino superior, e o Enem vivenciava um boom de inscrições, com 9 milhões de inscritos. Só perdia para o Gaokao, que é o maior vestibular do mundo, o chinês”, observa.

“Porém, ocorre um fenômeno muito estranho de 2017 para frente. O Enem vivencia gradativamente uma redução dos inscritos, saindo de 9 milhões para 3,3 milhões”, completa. Com o trabalho no CED Darcy Ribeiro, ele percebeu que o fenômeno de redução de 60% no número de inscritos entre 2017 e 2021 atingia principalmente a rede pública de ensino, mesmo com a Lei de Cotas vigente e consolidada no país. “Eu queria entender o que estava acontecendo. Quais variáveis explicavam essa redução, que não foi pontual?”, questionava-se.

Na dissertação, Bruno chegou a nove variáveis que impactaram esse índice, mas destaca as duas principais: o fato de o Enem ter deixado de ser certificador do ensino médio e a pandemia de covid-19.

## Mais possibilidades

Por ser um professor de ensino médio, Bruno sempre teve presente em sua prática pedagógica um forte diálogo com o sonho de seus alunos de chegar ao ensino superior. Entre aqueles da rede pública, no entanto, percebia que a falta de conhecimento, às vezes, minava até mesmo o desejo de cursar a faculdade. “É um relato comum pensarem que a Universidade de Brasília é uma universidade privada, tamanho o afastamento da realidade deles”, descreve. “O meu papel na rede pública sempre foi pautado por isso: mostrar para esses alunos



**Aulão para o Enem, com estudantes da rede pública**



**Com alunos do ensino médio do Leonardo da Vinci**



**Formação para professores da rede pública na Eape**

que era um caminho possível e que poderia alterar, impactar de maneira positiva a trajetória profissional e de vida deles”, avalia.

Nesse sentido, a dedicação ao Enem se conecta totalmente ao objetivo do professor. Apesar de ter sido concebido em 1998 como prova de avaliação da qualidade do ensino médio no Brasil, em 2009 o Enem adota um novo formato, e a nota no exame passa a valer para acesso ao ensino superior, democratizando as oportunidades. “Até 2009, os alunos que estavam no Ceará, meu estado de origem, mas queriam, por exemplo, estudar na UnB, tinham que viajar para fazer uma prova. Então, os alunos que tinham a chance de olhar o Brasil como um continente de possibilidades de acesso às universidades eram um perfil muito específico — alunos que tinham condições econômicas de viajar e de fazer provas em todo o país”, reforça.

“Quando surge o Enem, você vira para aquele jovem que mora

no município mais carente do meu estado e diz para ele que ele pode fazer uma prova chamada Enem e pode disparar essa prova para o Brasil inteiro, via uma plataforma chamada Sisu”, resume Bruno. “Foi um divisor de águas na história do ensino superior brasileiro, que é a democratização de acesso para as vagas em todo o território nacional.”

## Reencontro

Depois de mais de 10 anos dedicados à educação, Bruno coleciona histórias marcantes e começa a se deparar com situações que o orgulham em especial: já trabalhou com duas colegas de profissão que foram suas alunas. No Leonardo da Vinci, é coordenador do Serviço de Orientação ao Vestibular (SOV), que oferece mentoria e acompanhamento individualizados. “A melhor maneira de bater de frente com a ansiedade é conhecendo o processo”, atesta.

Depois de passar pelas salas de aula do CED Darcy Ribeiro, ele

Fotos: Arquivo pessoal



**Serviço de orientação para vestibulares**

**Carteirinha da Universidade de Brasília**



agora assumiu, na rede pública, a coordenação do curso Guiando para o futuro, com foco na formação de professores para dar suporte semelhante ao ofertado pelo SOV também nas escolas públicas. As formações ocorrem na Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape). “É uma formação de professores voltada para democratizar o acesso ao ensino superior”, resume. “Meu desejo na Eape é ofertar esse mesmo serviço, dar esse mesmo direito aos estudantes da rede pública, em 93 escolas.”

Também impactada pelas múltiplas possibilidades de acesso ao ensino superior, Sílvia, mãe de Bruno e servidora aposentada da Câmara dos Deputados, vai prestar o vestibular 60+ da UnB. “Agora é a vez dela, que participou de um projeto belíssimo na UnB, o Universidade do Envelhecer”, orgulha-se o filho. O projeto tem como foco debater o envelhecimento e alguns temas ligados à gerontologia. O objetivo de

Sílvia é atuar na área de serviço social, para pensar políticas públicas voltadas aos idosos.

Para os próximos passos, além de aguardar, ao lado da mulher, a também socióloga Thais, a chegada do caçula Arthur, que fará companhia ao Caio, de 4 anos, Bruno espera o resultado da última etapa da seleção para o doutorado. Agora, pretende fazer um balanço dos 30 anos do pioneiro programa de avaliação seriada da UnB, o PAS.

“Já não sou um jovem professor, mas estou longe de estar no fim de carreira”, avalia. “O que me encanta na educação até hoje é a ideia de que, cada vez que eu oriento um aluno ou cada vez que eu entro em sala de aula, estou contribuindo com o projeto de vida dele, com a perspectiva de futuro que ele carrega, que é algo muito maior do que uma vaga ou uma graduação. É algo que atravessa a subjetividade desses alunos, a trajetória familiar deles. Isso, para mim, é apaixonante e faz com que cada ano letivo pareça ser inédito.”